

## **Ciclo de vida das cooperativas de crédito brasileiras: o desempenho da cooperativa como motivo para a descontinuidade das operações**

Life cycle of Brazilian credit unions: the cooperative's performance as a reason for the discontinuity of operations

### **Resumo**

*É possível observar uma recente onda de descontinuidade entre as cooperativas de crédito brasileiras. De acordo com a teoria do ciclo de vida das cooperativas, a decisão por encerrar as atividades é pauteada pela “saúde financeira” dos cooperados e da própria cooperativa. Portanto, este trabalho buscou explorar o papel do desempenho sobre a decisão por descontinuar a cooperativa. Para alcançar este objetivo, foram encontrados uma série de indicadores proeminentes para cooperativas de crédito e, dentre estes, quais apresentavam diferenças estatísticas entre as continuadas e as descontinuadas. Para compreender se o desempenho baixo afetava a decisão pelo encerramento, identificou-se a frequência em que cooperativas descontinuadas apresentavam índices abaixo das demais. Os principais indicadores identificados são relacionados a qualidade dos contratos de crédito e a geração de recursos próprios, sendo vinculados a problemas encontrados nas fases do ciclo de vida como o crescimento do quadro social, o desincentivo ao investimento e problemas de tomada de decisão pela gestão.*

**Palavras-chave:** cooperativas de crédito; descontinuidade; indicadores financeiros; teoria do ciclo de vida das cooperativas

### **Abstract**

*It is possible to observe a recent wave of discontinuity among the Brazilian credit unions. According to the cooperative life cycle theory, the decision to discontinue the activities is determined by the "financial health" of the member and the cooperative itself. Therefore, we aimed in this paper to explore the role of performance in the decision to discontinue the cooperative. To achieve this goal, we found a series of prominent indicators for credit unions and which of these indicators presented statistical differences between the continued and the discontinued. In order to understand if the low performance affected the decision to end the activities, we identified the frequency in which discontinued cooperatives presented performance below the others. The main indicators identified are related to the quality of credit contracts and the generation of resources by the cooperative, being linked to problems encountered in the life cycle phases such as membership growth, the disincentive to investment and management decision-making problems.*

**Keywords:** credit unions; discontinuity; financial indicators; cooperative life cycle theory.

Recebido: 01/12/2017 Aceito: 08/03/2018

Bruno José Canassa<sup>1</sup>, Davi Rogério de Moura Costa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestrado em Controladoria e Contabilidade Financeira da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEARP) - bjcanassa@fearp.usp.br - Rua Maracajú, 829 apto. 23, Monte Alegre, Ribeirão Preto-SP CEP: 14051-120

<sup>2</sup>Doutorado (Sanduíche) em Economia de Empresas na Escola de Economia de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (EESP - FGV/SP) e University of Missouri. - drmouracosta@gmail.com

## 1 Introdução

Cooperativas de crédito operam através da intermediação financeira entre sócios depositantes e sócios tomadores de crédito, gerando produtos e serviços de interesse aos seus membros. Ao depositar seu capital, o cooperado tem a expectativa de que o mesmo seja gerido de forma eficiente e proporcione retornos vantajosos em relação as opções similares encontradas no mercado de serviços bancários (WHEELLOCK; WILSON, 2013).

Uma importante diferença entre cooperativas de crédito e demais bancos está na relação contratual entre os cooperados e a organização. Embora sejam detentores dos direitos residuais, os associados não adquirem a propriedade na expectativa de retornos na forma de lucro, mas sim para obter acesso a serviços. As cooperativas de crédito possuem três diferentes formas de alocar benefícios aos seus cooperados: menores taxas para realização de empréstimos, altas taxas de remuneração sobre depósitos e distribuição de sobras. A melhor combinação desses elementos representaria uma gestão de recursos eficiente (DAOUIA; SIMAR; WILSON, 2017; BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009; HANSMANN, 1996).

A relação contratual peculiar a este tipo de organização ainda faz com que ela seja gerida muitas vezes por seus próprios membros. Nas cooperativas o controle ocorre a partir das assembleias, onde os associados votam pelo do princípio de “um homem, um voto”, e dos conselhos compostos por membros voluntários. É comum, também, que os executivos sejam associados. Portanto, direta ou indiretamente o cooperado tem o poder de escolher as taxas das operações e o valor de sobras a ser distribuído entre seus pares (CARVALHO et al., 2015; BARROSO; BIALOSKORSKI NETO, 2010).

As características das cooperativas de atuação em função de seu cooperado como cliente permitem inferir que tenham participação destacada no Sistema Financeiro Nacional (SFN). Dados do Banco Central do Brasil (BACEN) suportam este ponto ao apresentar o sistema cooperativo de crédito como a nona maior instituição financeira do país em 2016. Ainda, o crescimento dos ativos das cooperativas entre junho de 2015 e junho de 2016 foi maior do que a média do restante do SFN: 12,9% das cooperativas contra -9,7% do SFN. Porém, os dados do BACEN

também apontam uma diminuição de 18,5% na quantidade de cooperativas de crédito no período entre dezembro de 2011 e outubro de 2016. Anualmente, o decréscimo médio foi de 4%.

Estudos teóricos sobre cooperativas estabelecem que estas organizações tendem a seguir um ciclo de vida ao longo de sua existência, baseado na “saúde financeira” tanto da cooperativa, quanto dos cooperados – indo de acordo com a justificativa econômica deste tipo de organização. Para que a cooperativa tenha sucesso é preciso que seu cooperado obtenha ganhos de bem-estar, através dos serviços nos quais é cliente, ao mesmo tempo em que a cooperativa mantenha desempenho financeiro suficiente para que consiga competir em seu mercado de atuação (COOK; BURRESS, 2009).

Cook (1995) apresenta que o ciclo de vida destas organizações consiste de cinco fases: formação, pela justificativa econômica de falhas de mercado; definição de estrutura organizacional, como mecanismos de governança; crescimento e consolidação, com aumento no número de cooperados e conseqüente heterogeneidade de interesses e conflitos; reconhecimento e discussões sobre os problemas; e por fim escolha. Na última fase a cooperativa se encontra numa situação onde a “saúde financeira” começa a declinar. Então, uma decisão deve ser tomada entre sair, continuar ou se reinventar.

Carvalho et al. (2015) evidenciam algumas soluções para saída nas cooperativas de crédito brasileiras, como a liquidação judicial, a liquidação extrajudicial, ou a paralisação de suas atividades. A diferença entre as paralisações vem da voluntariedade. Enquanto a extrajudicial parte da própria cooperativa, a judicial surge da intervenção de órgãos estatais que julgam a continuidade da cooperativa como nociva ao mercado.

Por sua vez, há diversos motivos para a liquidação voluntária (extrajudicial). Por exemplo, o desinteresse por parte dos sócios em dar continuidade às atividades, sua desmutualização, incorporação ou fusão com outra cooperativa.

Bauer, Miles e Nishikawa (2009) apontam que cooperativas com desempenho abaixo das demais no setor podem entrar em processo de fusão com outra, conseguindo ganhos de desempenho e melhor oferta de benefícios aos cooperados. Entretanto, de acordo com os autores, num processo de incorporação este

ganho não costuma ocorrer aos membros da incorporadora.

O estudo da escolha das cooperativas no que se refere a finalização das suas atividades auxilia no entendimento sobre o ciclo de vida destas cooperativas. Por exemplo, identificar as características das organizações que encerraram suas atividades e os possíveis determinantes para este fenômeno expande o conhecimento sobre esta última fase do ciclo.

Portanto, foi objetivo deste trabalho investigar se nos três anos que antecederam o encerramento de suas atividades as cooperativas estavam apresentando níveis de desempenho abaixo das demais, indo de encontro, em parte, com o esperado pelo ciclo de vida apontado por Cook (1995) e Cook e Burress (2009). Os resultados deste trabalho podem ajudar na compreensão sobre quais características levam o cooperado a optar pela decisão de descontinuidade. Neste sentido, considera-se que o baixo desempenho em determinadas posições, como a solvência e a qualidade das operações de crédito, decorrentes de problemas vinculados a fases anteriores do ciclo de vida, foi suficiente para que os cooperados não visualizassem outra opção que não a liquidação.

Em conjunto com o processo de identificação do baixo desempenho das cooperativas descontinuadas, foi possível também encontrar um grupo de indicadores chave para as cooperativas de crédito, assim como aqueles em que, de fato, eram diferentes entre o grupo de cooperativas que continuaram suas operações e as em que a saída foi a opção escolhida.

Entretanto, ressalta-se que o baixo desempenho da cooperativa é apenas um dos fatores que podem levar os associados a optarem pela descontinuidade, e este trabalho focou no sentido da performance da cooperativa, e não de sua geração de benefícios aos cooperados. Mesmo assim, para que a cooperativa consiga oferecer continuamente benefícios de forma adequada aos seus membros, é preciso que ela esteja apresentando bons níveis de desempenho e sobreviva em sua região de atuação.

A partir de uma análise dos componentes principais, foram selecionados 25 indicadores proeminentes para as cooperativas de crédito, sendo separados em aplicações, captação, insumos, produtos e solvência. Estes indicadores foram, individualmente, analisados a partir de uma análise de variância, sendo possível identificar quais

apresentavam diferença estatística nas médias entre as cooperativas descontinuadas e as continuadas. Por fim, uma análise de frequência foi realizada para encontrar quantas destas cooperativas estavam operando em níveis baixos de desempenho no momento em que foram descontinuadas.

Além desta introdução, o trabalho contém outras 4 partes: o referencial teórico apresenta o estudo anterior sobre esse assunto no Brasil, além de fornecer elucidações sobre pontos-chaves do estudo, como caracterizações das cooperativas e seu ciclo de vida; a metodologia apresenta a amostra utilizada e as técnicas de análise multivariada e a análise de frequência; em resultados temos uma breve descrição e discussão sobre os resultados das análises; e em conclusões, os resultados são colocados em perspectiva e são discutidos seus desmembramentos.

## 2 Referencial Teórico

Por pressuposto teórico, as cooperativas que encerraram as atividades deveriam estar com sua “saúde financeira” abaixo do adequado. Ou seja, estar operando abaixo de sua necessidade para sobreviver e estar oferecendo benefícios insuficientes aos seus cooperados (COOK, 1995; COOK; BURRESS, 2009).

Neste sentido, Carvalho et al. (2015) encontraram uma série de indicadores financeiros como determinantes para a longevidade das cooperativas de crédito nacionais. Entretanto, ainda que os resultados tenham apontado estes indicadores como determinantes para a longevidade (em dias) das cooperativas, o trabalho não conclui se as cooperativas que encerraram suas atividades estavam operando abaixo do necessário ou do esperado por seus membros.

Sendo assim, as próximas subseções buscam ilustrar alguns temas-chaves para a investigação sobre o processo de decisão quanto a descontinuidade da cooperativa. Primeiro, uma caracterização de uma cooperativa de crédito buscando apresentar possíveis problemas que levam a descontinuidade. Em seguida, uma discussão sobre mensuração de desempenho para cooperativas, fator desafiante e relevante em trabalhos que utilizam indicadores financeiros neste tipo de organização. Por fim, é exposta a teoria do ciclo de vida das cooperativas.

## 2.1 Características das cooperativas de crédito e problemas que levam a descontinuidade

Cooperativas são organizações econômicas que agem para aumentar o bem-estar de seus associados, reduzindo problemas vinculados as falhas de mercado onde estão inseridas. A diferença primordial entre cooperativas de crédito e bancos está em seu proprietário, que é o cliente de suas operações e, muitas vezes, seu gestor. (BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009; MURRAY; WHITE, 1983; STAATZ, 1987).

Outra característica que distingue as cooperativas de crédito é o fato de que, ao menos em suas fases iniciais, costumam ser compostas por indivíduos com um vínculo em comum, como o emprego ou a região onde residem. Este vínculo em comum faz com que os contratos das cooperativas tragam em si um contexto de confiança entre as partes envolvidas, pois, estando entre pares vindos de uma mesma situação social, a expectativa de expropriação é baixa. Entretanto, o crescimento do quadro de associados costuma enfraquecer a confiança existente (BANERJEE; BESLEY; GUINNANE, 1994).

O direito à propriedade da cooperativa surge com a aquisição das quotas necessárias para se tornar sócio. Estas quotas têm como característica o fato de não serem transferíveis, sendo apenas restituíveis – portanto não há um mercado. O direito ao voto pelo princípio do “um homem, um voto”, sem vínculos com a quantidade de capital investida (GORTON; SCHMID, 1999).

Ainda, nas cooperativas o fato do proprietário ser ao mesmo tempo o cliente torna os benefícios obtidos pelo uso constante da cooperativa. Assim, quanto mais ele negocia e usa serviços da cooperativa, maior será seu retorno (FRIED; LOVELL; EECKAUT, 1993).

Cooperativas tendem a sofrer com problemas de gestão e investimento. Por exemplo, a crescente heterogeneidade no corpo de associados e a dispersão na propriedade aumenta o potencial de *shirking* nas funções de monitoramento, reduzindo o sentido de responsabilidade dos gestores da cooperativa. Também, podem conduzir a disputas pelo controle e elevam o uso de influência, num processo em que determinados grupos de proprietários buscam as posições executivas para direcionarem as atividades

ao seu interesse (COOK; BURRESS, 2009; BANERJEE et al., 2001).

Neste ponto, Cook (1995) e Cook e Burress (2009) apontam que estes problemas são primordiais na longevidade de uma cooperativa pelo aumento dos conflitos quanto aos investimentos e nos custos de controle. Em conjunto com o menor nível de monitoramento, é esperado que as cooperativas passem a tomar decisões equivocadas e apresentem menor nível de desempenho.

A isto se soma o fato das cooperativas serem geridas pelos proprietários, que podem definir as taxas em que irá atuar (CARVALHO et al., 2015). Porter e Scully (1987) afirmam que os cooperados, ao terem discricionariedade no direcionamento das atividades, optam por ações de curto prazo, ainda que a cooperativa precise de investimento de longo prazo em ativos para sua manutenção.

Carvalho et al. (2015) acrescentam que as cooperativas costumam ser malsucedidas nos seus primeiros anos pela concorrência com bancos comerciais. Cooperativas costumam apresentar baixos níveis de profissionalismo, problemas de operação e histórico de perdas. Também, o nível de engajamento financeiro pelos cooperados deve ser alto no momento da fundação da cooperativa (GODDARD; MCKILLOP; WILSON, 2014; BOONE; ÖZCAN, 2016).

No caso brasileiro, as cooperativas de crédito viveram momentos de pressão para expandir seu porte e operações nos últimos anos. Em perspectiva com os problemas de gestão enfrentados por este tipo de organização, observou-se uma descontinuidade das atividades elevada para as cooperativas de crédito nacionais. Entre o início de 2011 e meados de 2016 houve um decréscimo de 18% no número total de cooperativas de crédito brasileiras, em um fenômeno global que envolve um processo contínuo de fusões e aquisições (BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009).

No Brasil a descontinuidade das atividades de uma cooperativa pode ocorrer em diversas maneiras. A liquidação pode acontecer de forma judicial ou extrajudicial, que diferem pela voluntariedade em encerrar as atividades: enquanto a extrajudicial ocorre pela decisão dos próprios cooperados, descontentes com o rumo da cooperativa, a judicial acontece quando órgãos públicos interferem no processo de liquidação por julgarem a instituição financeira nociva a economia como um todo. Há ainda a

possibilidade de paralisação, quando a cooperativa encerra temporariamente suas atividades (BRASIL, 1971).

O BACEN (2010) também prevê a fusão ou incorporação por outra instituição financeira. Entretanto, este processo não implica necessariamente que a cooperativa a ser incorporada estava operando em baixos níveis de desempenho: a fusão ou incorporação pode ser avalizada pelos cooperados em busca de ganhos em escala e melhoria na expectativa de desempenho (BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009; GODDARD; MCKILLOP; WILSON, 2014).

Porém, a decisão voluntária sobre o fim das atividades em uma cooperativa de crédito recai para a decisão do cooperado, em votação na assembleia de associados. Caso o cooperado sinta que a cooperativa não está cumprindo com seu papel ou está com desempenho insatisfatório – quaisquer que sejam os motivos – uma opção é a descontinuidade da cooperativa (COOK, 1995; COOK; BURRESS, 2009).

## 2.2 A mensuração de desempenho em cooperativas de crédito

Cook (1995) e Cook e Burress (2009) atestam que os membros podem optar pelo término das atividades da cooperativa caso esta não esteja apresentando boa “saúde financeira”, possível de ser mensurada a partir de seu desempenho. Entretanto, a mensuração de desempenho em cooperativas exige alguns cuidados devido a sua forma organizacional particular.

Cooperativas são organizações sem fins lucrativos ou geridas “à custo” operacionalizadas para oferecer benefícios aos seus cooperados na forma de serviços vantajosos em relação aos encontrados no mercado. Isto retira do lucro seu papel primordial como indicador de desempenho nas cooperativas como organização econômica (FRIED; LOVELL; EECKAUT, 1993).

O fato do cooperado ser ao mesmo tempo cliente e proprietário afeta diretamente a maneira como o desempenho deve ser mensurado. Fried, Lovell e Eeckaut (1993) apresentam que cooperativas de crédito aceitam depósitos de seus associados, então tem características de uma cooperativa voltada a

produção; providenciam empréstimos, caracterizando-as como voltadas aos clientes; e também geram sobras que podem ser distribuídas, voltadas ao caráter de proprietário do cooperado.

Estas características fazem com que a cooperativa gere vários resultados, decorrentes de suas possíveis transações econômicas com o cooperado. Portanto, ao contrário de uma empresa maximizadora do lucro, que tem um único objetivo bem definido, cooperativas apresentam como objetivo o bem-estar geral criado aos seus associados, que pode vir por vários serviços prestados. A avaliação do desempenho de uma cooperativa deveria, então, partir dos serviços prestados e da comparação com as alternativas encontradas no mercado, ao invés de apenas utilizar o resultado como ocorre com os indicadores financeiros tradicionais.

Ainda assim, indicadores financeiros costumam ser utilizados para avaliação das cooperativas de crédito, pois o paralelo com os bancos comerciais é inerente (FRIED; LOVELL; EECKAUT, 1993). Neste ponto, Porter e Scully (1987) apontam que o problema de agência nas cooperativas se torna agudo nas cooperativas devido as suas peculiaridades, sobressaltados pelos problemas apontados por Cook (1995). Sendo assim, no longo prazo uma cooperativa de crédito sempre estará em desvantagem em relação aos demais competidores de mercado, assemelhando-se a bancos de porte pequeno (DAOUIA; SIMAR; WILSON, 2017; WHEELLOCK; WILSON, 2013).

Para comparação entre cooperativas de crédito estes indicadores financeiros precisam ser vistos com parcimônia. Uma cooperativa pode aparentar ineficácia do ponto de vista econômico ou financeiro e ser eficiente para seu cooperado: este olha para o benefício da cooperativa e compara com o mercado, independente das expectativas futuras da cooperativa como organização. Também, é importante reforçar que mesmo dentro da cooperativa a visão sobre o desempenho pode ser divergente, devido heterogeneidade de grupos de associados.

## 2.3 Ciclo de vida e desempenho nas cooperativas de crédito

Cook (1995) e Cook e Burress (2009) apresentam um ciclo de vida teórico para cooperativas baseados no que chamam de “saúde financeira” – se a

cooperativa está operando adequadamente para sua sobrevivência e para prover benefícios aos seus associados. Este ciclo de vida é dividido em cinco fases, do surgimento até a escolha sobre o futuro da cooperativa.

As três primeiras fases apresentam crescimento rápido da “saúde financeira”. A primeira ocorre a partir da ação coletiva para defesa contra falhas de mercado e é conhecida como a justificativa econômica para a cooperativa. Na segunda os associados escolhem o design organizacional para as atividades das cooperativas. Na terceira a cooperativa, após apresentar-se bem em suas atividades nas fases anteriores, começa a sofrer com problemas relacionados ao crescimento de seu quadro social e a heterogeneidade no seu corpo de associados (COOK; BURRESS, 2009).

Cook e Burress (2009) apresentam a quarta fase como aquela em que surgem ineficiências relativas aos maus investimentos nas fases anteriores. Custos associados a decisão coletiva e resolução de conflitos crescem. A cooperativa e seus membros reconhecem os problemas e analisam as possibilidades de futuro para a cooperativa, na decisão que será tomada na fase cinco. A cooperativa, então, decide entre “remendar” seus problemas, reinventar-se, dividir-se, ou então descontinuar suas atividades.

É primordial compreender que este ciclo não é baseado apenas no desempenho da cooperativa como empresa, mas também na sua relação com o associado. Isto implica que a cooperativa não necessariamente apresentará declínio em sua “saúde financeira” caso tenha falhado em melhorar seu desempenho financeiro. Sendo uma empresa que age em função dos seus membros e com múltiplos benefícios, o uso exclusivo de indicadores de desempenho financeiros pode tornar a análise do desempenho da cooperativa, a partir de sua justificativa econômica, inconclusivo (BOONE, ÖZCAN, 2016).

Por exemplo, a cooperativa pode estar realizando projetos que não criam valor para a organização em si, mas que beneficiam seus cooperados ao disponibilizar estes serviços. Mesmo que a cooperativa não exista para gerar lucros, cada cooperado buscará se beneficiar individualmente da estrutura coletiva encontrada na cooperativa, utilizando-a para retirar benefícios que maximizem

seu bem-estar (BOONE; ÖZCAN, 2016; SHAFFER, 1987).

Entretanto, as cooperativas estão presas em um dilema ao qual precisa remunerar de forma adequada o investimento de seu cooperado e sobreviver em um ambiente competitivo, como ocorre no mercado de serviços bancários (BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009; CARVALHO et al., 2013). Neste caso, sua sobrevivência está atrelada ao seu desempenho como organização econômica. Também, o cooperado pode optar por voluntariamente descontinuar as atividades da cooperativa caso observe que ela está com baixo desempenho em relação as suas competidoras.

### 3 Amostra e Metodologia

O objeto de estudo deste trabalho são as cooperativas de crédito singulares de todo o Brasil. Os dados utilizados foram coletados em conjunto com o Observatório de Cooperativas – grupo operacionalizado pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEARP-USP). O banco de dados compreende 1223 cooperativas diferentes para os anos de 2008 a 2016 – entretanto nem todas estão presentes em todos os anos do período, tornando o painel desbalanceado. Este número compreende a todas as cooperativas de crédito singulares clássicas que existiram no Brasil no período analisado, e que apresentaram dados financeiros completos para o ano inteiro. A opção por utilizar apenas cooperativas clássicas se deu para tornar a amostra homogênea, sem possíveis distorções causadas pela presença de cooperativas plenas ou capital e empréstimo, muito distintas em sua forma de atuação. Foram retiradas da amostra cooperativas com patrimônio líquido negativo.

A tabela 1 contém a estatística descritiva da amostra para os anos extremos, 2008 e 2016, além da taxa de crescimento médio anual do período.

Nota-se pela tabela que a cooperativa de crédito brasileira cresceu, em média anual, consideravelmente em ativos, rendas, depósitos e patrimônio líquido. Estes crescimentos, junto com a identificação de que o número de cooperativas de crédito brasileiras está diminuindo, é um indício de que está ocorrendo um processo contínuo de incorporações de cooperativas pequenas por outras maiores. É possível identificar, também, que o

desvio-padrão apresenta valores elevados para todos as contas apresentadas, demonstrando a variedade de tamanhos encontrados em amostras de

cooperativas – vão desde muito pequenas, atuando como pequenos bancos, até algumas grandes cooperativas que atingem regiões inteiras.

*Tabela 1: Estatística descritiva da amostra de cooperativas singulares clássicas.*

Conta	Estatística	2008	2016	Taxa de Crescimento Anual (%)
<b>Ativo (em R\$)</b>	Média	36.808.042	147.401.880	18,9%
	Mediana	10.722.623	50.751.109	21,4%
	Desvio Padrão	95.609.092	311.360.986	15,9%
	Máximo	2.238.841.578	4.775.381.656	9,9%
	Mínimo	1.920	227.561	81,6%
<b>Rendas de Operações de Crédito (em R\$)</b>	Média	4.780.293	17.386.850	17,5%
	Mediana	1.674.648	6.026.418	17,4%
	Desvio Padrão	11.977.739	36.658.644	15,0%
	Máximo	245.081.008	522.273.216	9,9%
	Mínimo	0	5.486	-
<b>Depósitos (em R\$)</b>	Média	19.979.596	90.540.310	20,8%
	Mediana	4.686.784	28.008.613	25,0%
	Desvio Padrão	49.110.258	187.833.510	18,3%
	Máximo	850.478.055	2.720.215.034	15,6%
	Mínimo	0	0	-
<b>Patrimônio Líquido (R\$)</b>	Média	8.592.562	30.020.468	16,9%
	Mediana	2.988.770	11.043.422	17,7%
	Desvio Padrão	23.463.058	68.786.706	14,4%
	Máximo	553.222.564	1.243.320.189	10,7%
	Mínimo	1.920	13.864	28,0%

Fonte: Observatório de Cooperativas, utilizando dados do BACEN.

Observação: valores deflacionados pelo índice IGP-DI

O processo de identificação das cooperativas que deixaram de existir ocorreu a partir do cadastro de instituições financeiras ativas disponibilizado no *site* do Banco Central do Brasil (BACEN). Uma cooperativa foi considerada descontinuada quando deixou de ser registrada no cadastro, não voltando a aparecer nos períodos subsequentes. Para este passo, foram verificados todos os meses do período abrangido pela pesquisa.

Os balancetes disponibilizados pelo BACEN foram utilizados para o cálculo dos indicadores

financeiros. Matias (2009) apresenta 44 indicadores para instituições financeiras, divididos nos grupos: aplicação; captação; insumos; produtos; e solvência. Devido ao grande número de indicadores, foi realizada uma análise dos componentes principais (PCA) visando reduzir a quantidade de indicadores financeiros, como proposto por Kalogeras et al. (2013).

A PCA é uma técnica multivariada cujo objetivo é definir as relações inerentes entre variáveis existentes. Assim, reduz a informação existente nas

variáveis originais em um número menor de componentes, perdendo o mínimo de informação no processo (HAIR et al., 2009).

Kalogeras et al. (2013) utilizou a PCA para identificar as variáveis proeminentes dentro do componente, analisando ano a ano e utilizando as que mais vezes se apresentaram como principais fontes de variação no período. Neste trabalho o número de indicadores por ano foi definido a partir da quantidade de componentes com *eigenvalue* acima de 1, sendo selecionado dois indicadores por componente utilizando o critério de maior carga fatorial em módulo. Para destacar as cargas fatoriais, cada PCA foi rotacionada (*varimax*). Foram escolhidos indicadores que se repetiram em pelo menos metade dos anos da amostra.

Encontradas os indicadores proeminentes, foram realizadas análises de variância (ANOVA) para investigar se o efeito fixo de continuidade ou descontinuidade foi afetado pelo desempenho financeiro recente da cooperativa. A ANOVA é uma técnica estatística utilizada para determinar se amostras de dois ou mais grupos, separados por efeitos fixos de cada um, surgem de populações com médias iguais. Na ANOVA a hipótese nula indica a igualdade estatística entre os grupos; então, sua rejeição aponta a diferença estatística (HAIR et al., 2009).

Para visualização do desempenho como contínuo, ao invés de considerar isoladamente os indicadores em cada ano, foram consideradas as médias dos três últimos anos. Portanto, a análise corresponde aos anos entre 2010 e 2016, já que as cooperativas descontinuadas em 2008 e 2009 não teriam três anos completos de dados financeiros.

Por fim, aos indicadores que apresentaram diferença estatística foi encontrada a frequência na qual as cooperativas descontinuadas estavam apresentando baixo desempenho. Em conjunto com a diferença estatística entre os grupos encontrada, esta frequência auxilia na caracterização das cooperativas que encerraram suas atividades. Espera-se que a frequência das cooperativas com baixo desempenho seja alta dentro do grupo das descontinuadas, refletindo a “saúde financeira” frágil relatada na teoria por Cook (1995) e Cook e Burrell (2009).

Como base de comparação para o desempenho das cooperativas foi utilizado a mediana do indicador para o ano de descontinuidade. A cooperativa

descontinuada foi considerada de baixo desempenho caso sua média trienal tenha sido abaixo da mediana caso o indicador tenha característica de “quanto maior, melhor”, ou acima da mediana caso seja “quanto menor, melhor”.

## 4 Resultados

A tabela 2 expõe a frequência da situação das cooperativas entre os anos de 2008 e 2016, incluindo todas as categorias (clássicas, plenas e capital e empréstimo).

Nota-se pela tabela a queda na quantidade de cooperativas durante os anos da amostra, em uma redução de 401 cooperativas de crédito. Este resultado está de acordo com o observado em contexto global (BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009). Em comparação com o crescimento nos ativos e demais contas apresentadas anteriormente, é possível inferir que as grandes cooperativas estão aumentando sua participação em detrimento das menores. Não é possível, no entanto, dizer a forma pelo qual estas cooperativas foram descontinuadas: liquidação, incorporação ou fusão.

Houve um crescimento na quantidade de descontinuidades a partir do ano de 2009, o que pode indicar a influência da crise econômica que atingiu todo o mundo no ano de 2008. Um dos efeitos da crise foi o aumento no rigor quanto ao patrimônio líquido mínimo por Basileia III, que levou a uma série de incorporações de cooperativas de crédito por outras instituições financeiras no mundo (BAUER; MILES; NISHIKAWA, 2009; BEATTY; LIAO, 2014). Também, cooperativas pequenas podem ter sofrido mais com os efeitos da crise do que as grandes e as outras instituições financeiras – a teoria indica que cooperativas sempre vão apresentar desempenho e eficiência abaixo do mercado (PORTER; SCULLY, 1987; WHELOCK; WILSON, 2013). Estes dois fatores em conjunto podem explicar o processo de descontinuidade em 2008 e nos anos seguintes.

O quadro 1 exhibe os 25 indicadores de desempenho proeminentes resultantes da PCA, sua interpretação, grupo e quantas vezes se repetiu no período.



Tabela 2: Frequência de descontinuidade das cooperativas de crédito brasileiras entre 2008 e 2016.

Ano	Continuadas	Descontinuadas	Total
2008	1448	54	1502
2009	1403	62	1465
2010	1372	45	1417
2011	1310	71	1381
2012	1252	62	1314
2013	1192	66	1258
2014	1146	52	1198
2015	1099	53	1152
2016	1056	45	1101

Fonte: os autores, utilizando dados cadastrais do BACEN

Quadro 1: Indicadores provenientes da PCA.

Indicador	Grupo	Interpretação	Repetições
Aplicações em Tesouraria	Aplicação	Quanto maior, melhor	8
Captação por Depósitos a Vista e Poupança	Captação	Quanto maior, melhor	8
Captação por Floating	Captação	Quanto maior, melhor	8
Captação por Depósitos a Prazo	Captação	Quanto maior, melhor	6
Capitalização	Captação	Quanto maior, melhor	4
Cobertura com Serviços	Insumo	Quanto maior, melhor	8
Custo de Captação	Insumo	Quanto menor, melhor	5
Custos Administrativos	Insumo	Quanto menor, melhor	4
Participação de Resultado de Tesouraria	Produto	Quanto maior, melhor	8
Margem Bruta	Produto	Quanto maior, melhor	7
Rentabilidade da Tesouraria	Produto	Quanto maior, melhor	7
Participação de Rendas de Serviços	Produto	Quanto maior, melhor	7
Spread	Produto	Quanto maior, melhor	6
Margem Operacional	Produto	Quanto maior, melhor	5
Margem da Atividade Bancária	Produto	Quanto maior, melhor	4
Participação de Operações de Crédito	Produto	Quanto maior, melhor	4
ROA Operacional	Produto	Quanto maior, melhor	4
Inadimplência	Solvência	Quanto menor, melhor	9
Créditos Não Problemáticos	Solvência	Quanto maior, melhor	8
Comprometimento do PL Ajustado	Solvência	Quanto menor, melhor	8
Comprometimento do PL Seco	Solvência	Quanto menor, melhor	7
Cobertura com Provisões	Solvência	Quanto maior, melhor	7
Encaixe	Solvência	Quanto maior, melhor	6
Liquidez Geral	Solvência	Quanto maior, melhor	4
Provisionamento	Solvência	Quanto menor, melhor	4

Fonte: os autores, a partir de análise dos componentes principais

Houve um predomínio de indicadores relacionados aos produtos da cooperativa e sua solvência. Entretanto, uma análise sobre os indicadores identificados coloca em reflexão a “saúde financeira” proposta por Cook (1995) e Cook e

Burrell (2009). No caso, os indicadores utilizados nesta pesquisa têm como base instituições financeiras privadas, sendo voltados aos bancos comerciais. Mesmo aplicados em cooperativas, indicadores como os relacionados a margem, por exemplo, tomam as

cooperativas como empresas maximizadoras do lucro, o que não necessariamente é verdade. A “saúde financeira” de uma cooperativa considera o bem-estar gerado aos membros e seu próprio desempenho financeiro (COOK, 1995).

Neste sentido, a primeira análise deste trabalho auxilia na compreensão sobre a capacidade de sobrevivência da cooperativa em um ambiente em que compete com bancos comerciais e o processo que leva seus cooperados a necessidade de tomar uma decisão sobre o futuro da cooperativa. De acordo com Daouia, Simar e Wilson (2017), cooperativas de crédito se comportam como pequenos bancos, próximos aos seus clientes e, segundo Carvalho et al. (2015) sofrem com problemas de gestão, ao enfrentar problemas para definir as diretrizes de sua atividade. Mesmo que a cooperativa precise oferecer serviços a preços vantajosos e tenha, por isto, seus indicadores influenciados, os muitos indicadores relacionados a rentabilidade e margem identificados indica que sua gestão precisa considerar sua capacidade de gerar recursos e geri-los bem.

A discussão sobre indicadores relacionados aos produtos leva a um conflito quanto ao objetivo da cooperativa. Indicadores como margem e *spread* tem em sua interpretação o aspecto de “quanto maior, melhor”, segundo a interpretação para bancos comerciais (MATIAS, 2009). Nesta interpretação, porém, para alcançar melhores índices a cooperativa deve atuar com taxas que podem não ser vantajosas aos seus cooperados. O desafio da gestão se torna, então, identificar quais taxas são vantajosas aos associados e suficientes para que a cooperativa não comprometa sua continuidade.

Por sua vez, os indicadores de solvência identificados refletem a capacidade de honrar seus compromissos e, também, a expectativa de que os cooperados cumpram com suas obrigações ao tomarem empréstimos. Ainda que as cooperativas sejam pequenas, com proximidade entre membros e gestores, e tenham seus contratos lastreados por confiança, é importante saber identificar o risco envolvido em suas operações.

O problema de desincentivo a capitalização indicado por Cook (1995) e Cook e Burress (2009) se relaciona a sua presença entre os indicadores identificados de captação. Os demais indicadores de captação são relacionados aos depósitos, que, por teoria, nas cooperativas devem ser remunerados mais

altos do que em bancos comerciais. Novamente, o desafio se torna remunerar adequadamente seu sócio sem que comprometa seu desempenho.

Por fim, os custos administrativos entre os insumos podem estar vinculados a eficiência. Porter e Scully (1987) assumem que cooperativas invariavelmente terão problemas em sua eficiência, devido a sua forma organizacional peculiar. Assim, é importante para a cooperativa que estejam controlados e não excedam a capacidade de gerar recursos.

Entretanto, ainda que a PCA tenha apontado os indicadores financeiros proeminentes para as cooperativas de crédito clássicas e que estes possam receber atenção especial, não foi identificado em quais efetivamente havia diferença entre o grupo de cooperativas continuadas e descontinuadas.

Assumindo que uma série de indicadores possam ser relevantes para determinar o bom desempenho da cooperativa, a tabela 3 exhibe quais indicadores apresentavam diferença estatística as cooperativas que mantiveram suas atividades e as cooperativas que foram encerradas.

A análise de variância realizada apontou que 13 indicadores apresentaram diferença estatística entre as médias das cooperativas que continuaram suas atividades e aquelas que foram descontinuadas. Destes, são 2 indicadores de captação (captações por depósitos a prazo e capitalização), 1 de insumo (custo de captação), 4 de produtos (participação das rendas de serviços e das operações de crédito, margens operacional e da atividade bancária), e 6 de solvência (créditos não problemáticos, comprometimentos do PL ajustado e seco, encaixe, liquidez geral e provisionamento).

É importante destacar que 5 dos 9 indicadores de produtos não apresentaram diferença entre as continuadas e as descontinuadas. Uma possível explicação está nas muitas formas as quais uma cooperativa de crédito oferece seus benefícios: um indicador único pode não captar todos os possíveis serviços e pode não ser por si só significativa para a decisão de descontinuidade tomada pelo cooperad

Tabela 3: Resultados para os testes ANOVA.

Indicador	Estatística F	p-valor
Aplicações em Tesouraria	0,07	0,790
Captação por Depósitos a Vista e Poupança	2,62	0,106
Captação por Floating	2,44	0,118
<b>Captação por Depósitos a Prazo</b>	<b>24,08</b>	<b>0,000***</b>
<b>Capitalização</b>	<b>77,92</b>	<b>0,000***</b>
Cobertura com Serviços	0,50	0,482
<b>Custo de Captação</b>	<b>29,33</b>	<b>0,000***</b>
Custos Administrativos	1,53	0,217
Participação de Resultado de Tesouraria	0,12	0,727
Margem Bruta	0,00	0,954
Rentabilidade da Tesouraria	0,13	0,724
<b>Participação de Rendas de Serviços</b>	<b>8,43</b>	<b>0,004***</b>
Spread	0,22	0,641
<b>Margem Operacional</b>	<b>5,67</b>	<b>0,017**</b>
<b>Margem da Atividade Bancária</b>	<b>14,52</b>	<b>0,000***</b>
<b>Participação de Operações de Crédito</b>	<b>5,29</b>	<b>0,022**</b>
ROA Operacional	0,06	0,810
Inadimplência	0,00	0,948
<b>Créditos Não Problemáticos</b>	<b>5,14</b>	<b>0,024**</b>
<b>Comprometimento do PL Ajustado</b>	<b>30,40</b>	<b>0,000***</b>
<b>Comprometimento do PL Seco</b>	<b>78,97</b>	<b>0,000***</b>
Cobertura com Provisões	0,18	0,670
<b>Encaixe</b>	<b>4,52</b>	<b>0,034**</b>
<b>Liquidez Geral</b>	<b>78,36</b>	<b>0,000***</b>
<b>Provisionamento</b>	<b>56,96</b>	<b>0,000***</b>

Fonte: os autores, utilizando dados do BACEN.

Observação: \*\*\* indica rejeição da hipótese nula considerando  $\alpha = 1\%$ ; \*\* indica rejeição considerando  $\alpha = 5\%$

A predominância de indicadores de solvência entre os que encontraram diferença estatística reforça a visão sobre a importância da qualidade das relações contratuais nas operações bancárias da cooperativa. Apesar de serem organizações com princípios de confiança entre as partes, é preciso ter garantias fortes sobre seus contratos firmados, assim como honrar seus compromissos. O crescimento na quantidade de cooperados apontado no ciclo de vida das cooperativas, se não acompanhado por uma melhor análise nos contratos de crédito, podem ser determinantes sobre a capacidade de sobrevivência da cooperativa.

Os indicadores de produtos representam a atividade bancária e os demais serviços oferecidos

aos seus associados. A diferença estatística pode vir da capacidade de gerar recursos da cooperativa, um reflexo da habilidade de sua gestão— cooperativas descontinuadas podem ter executivos pouco hábeis para lidar com a competição no setor bancário (CARVALHO et al., 2015). Já os indicadores de captação representam as duas principais fontes de financiamento das operações nas cooperativas de crédito, o capital integralizado pelos associados e seus depósitos (FRIED; LOVELL; EECKAUT, 1993).

Destaca-se que os custos administrativos não apresentaram diferença estatística. Custos excessivos vinculados a falhas no monitoramento, como expostos por Cook (1995), podem se manter

proporcionalmente constantes entre as cooperativas da amostra, de forma independente a sua situação. O ROA Operacional, que tem como base as sobras geradas, também não apresentou diferença estatística. Neste caso, a explicação pode estar no caráter não voltado ao lucro existente nas cooperativas.

A tabela 4 apresenta as frequências de desempenhos das cooperativas de crédito

descontinuadas. A partir das frequências, infere-se quais áreas, refletidas pelos seus indicadores, foram identificadas pelas cooperativas como críticas no momento de decisão.

*Tabela 4: Frequência do desempenho das cooperativas descontinuadas no período.*

Indicador	Desempenho	Ano							Total
		2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Captação por Depósitos a Prazo	Pior	7	16	12	16	9	13	13	86
	Igual ou melhor	5	10	4	11	7	3	9	49
Capitalização	Pior	8	13	6	12	6	9	15	69
	Igual ou melhor	4	13	10	15	10	7	7	66
Custo de Captação	Pior	2	6	5	12	4	2	6	37
	Igual ou melhor	10	20	11	15	12	14	16	98
Participação de Rendas de Serviços	Pior	3	9	9	12	8	5	5	51
	Igual ou melhor	9	17	7	15	8	11	17	84
Margem Operacional	Pior	0	11	4	13	9	8	13	58
	Igual ou melhor	12	15	12	14	7	8	9	77
Margem da Atividade Bancária	Pior	8	19	9	14	10	10	16	86
	Igual ou melhor	4	7	7	13	6	6	6	49
Participação de Operações de Crédito	Pior	12	15	12	13	7	8	9	76
	Igual ou melhor	0	11	4	14	9	8	13	59
Créditos Não Problemáticos	Pior	8	16	9	17	10	2	10	72
	Igual ou melhor	4	10	7	10	6	14	12	63
Comprometimento do PL Ajustado	Pior	10	19	8	17	10	10	15	89
	Igual ou melhor	2	7	8	10	6	6	7	46
Comprometimento do PL Seco	Pior	9	20	8	17	9	17	7	87
	Igual ou melhor	3	6	8	10	7	5	5	44
Encaixe	Pior	7	9	5	10	5	5	6	47
	Igual ou melhor	5	17	11	17	11	11	16	88
Liquidez Geral	Pior	8	16	9	14	7	10	14	78
	Igual ou melhor	4	10	7	13	9	6	8	57
Provisionamento	Pior	10	19	9	19	13	9	18	97
	Igual ou melhor	2	7	7	8	3	7	4	38

Fonte: os autores, utilizando dados do BACEN.

Cooperativas descontinuadas apresentam problemas relativos a captação bancária relacionados a capitalização e captação por depósitos a prazo. Ambos os indicadores são obtidos a partir de duas fontes de financiamentos das operações em uma cooperativa de crédito: o patrimônio líquido e os depósitos realizados pelos próprios cooperados. O baixo desempenho nestes indicadores pode sugerir que as cooperativas descontinuadas estavam enfrentando dificuldades para manter suas operações de crédito. Sendo assim, estavam recorrendo a empréstimos no mercado e comprometendo sua saúde financeira, ou não oferecendo crédito suficiente a demanda dos seus membros, que, descontentes, optaram pelo encerramento da cooperativa. Aqui, argumenta-se que a “saúde financeira” da cooperativa estava comprometida tanto ao próprio desempenho, quanto aos benefícios recebidos por seus cooperados. Este fato pode estar relacionado a investimento ruins realizados em fases anteriores ao de decisão sobre o futuro da cooperativa, como em ativos de curto prazo (PORTER; SCULLY, 1987; COOK, 1995). Investimentos equivocados voltados ao curto prazo podem ter levado a cooperativa a enfrentar problemas de captação para bancar sua demanda por serviços.

Outra possível explicação está em um baixo engajamento de capitalização de seus membros, que investiram na cooperativa para utilizar seus benefícios sem se preocupar muito com sua “saúde financeira” futura. Neste caso, Boone e Özcan (2016) apontam que cooperativas precisam que seus associados estejam engajados quanto a sua capitalização para que consigam competir em seu mercado. A isto, soma-se o desincentivo natural ao investimento de seus proprietários, que adquirem as quotas mínimas para associação sem maior engajamento futuro mesmo em momentos de dificuldade financeira da cooperativa (COOK; BURRESS, 2009).

Em apenas dois indicadores de produtos as cooperativas descontinuadas operavam abaixo das que se mantiveram em atividade. A margem da atividade bancária, que é a participação das rendas de intermediação bancária sobre as rendas líquidas totais, se trata de um indicador vinculado a principal atividade de uma cooperativa de crédito, a intermediação entre seu grupo de membros tomadores de empréstimos e os depositantes. Já a participação das operações de crédito se referem ao

quanto das rendas totais foram provenientes de operações de crédito. Ambos os indicadores têm relação a atividade de oferecer crédito aos seus cooperados e baixos desempenhos podem significar que a demanda por empréstimos não estava sendo suprida, ou então que não estavam sendo conduzidas de forma adequada pela gestão.

Por fim, nos quatro indicadores relacionados a liquidez as cooperativas de crédito descontinuadas costumaram desempenhar abaixo das demais. Ambos os indicadores de comprometimento do patrimônio líquido estão ligados as operações de crédito classificadas como de alto risco. Neste caso, a expectativa de não recebimento destes empréstimos é alta. De maneira inversa, os créditos não problemáticos são vinculados às operações de crédito de baixo risco. Cooperativas com baixo desempenho nestes indicadores estão emprestando com baixa expectativa de retorno. O provisionamento elevado está relacionado com este fato por se tratar de um indicador do quanto a cooperativa lança em provisões de perdas quanto as suas operações de crédito.

Estes indicadores de comprometimento das operações e de créditos problemáticos podem estar vinculados ao enfraquecimento das relações nas cooperativas. O ciclo de vida apresenta que cooperativas passam por fases de rápido crescimento em seu corpo de associados, aumento sua heterogeneidade de membros (COOK, 1995; COOK; BURRESS, 1995). A partir deste crescimento, a relação entre membros e cooperativa, que no princípio de sua vida é muito próxima e pautada em relações contratuais de confiança, se tornam frágeis e o risco de inadimplência cresce. A alta inadimplência traz problemas ao desempenho da organização e a conduz a última fase, onde o cooperado deve tomar a decisão sobre o futuro da cooperativa.

A liquidez geral, por sua vez, vem da razão entre os ativos realizáveis de curto e longo prazos pelo exigível de curto e longo prazos. Uma liquidez ruim indica a incapacidade de honrar compromissos e, geralmente, está vinculada a más decisões da gestão em fases anteriores a descontinuação. Novamente, estas decisões ruins podem ser decorrentes de investimentos ruins que comprometeram a liquidez da cooperativa tempos depois de realizados (PORTER; SCULLY, 1987; COOK, 1995). Os investimentos equivocados podem ter sido decorrentes da tentativa de concorrer com as

alternativas encontradas no mercado, muitas vezes empresas de grande porte (CARVALHO et al., 2015; BOONE; ÖZCAN, 2016).

Ressaltam-se os indicadores os quais as cooperativas descontinuadas não costumavam apresentar um desempenho abaixo das demais. A participação dos serviços oferecidos pelas cooperativas, como seguros, pode ser explicada por se tratar de um benefício secundário quando comparado à intermediação. Desta forma, o associado pode ser indiferente a capacidade da cooperativa em oferecer serviços a preços vantajosos que os encontrados nos bancos comerciais. O papel secundário dos serviços pode significar que suas rendas têm pouca relevância para o resultado final da cooperativa, que não depende desta atividade para manter suas operações. Da mesma maneira, a margem operacional é relacionada às operações bancárias que não estão incluídas como intermediação. Nas cooperativas de crédito, estas atividades secundárias, como derivativos, não são importantes para a decisão quanto a descontinuidade. O encaixe indica o quanto a cooperativa tem de liquidez para cobrir possíveis retiradas de depósitos pelos seus associados. No caso, os cooperados não consideraram importante a existência de caixa para bancar retiradas, o que pode se referir ao fato de que preferem depositar na cooperativa para obter remuneração vantajosa, sem expectativa de retiradas.

Porém, o custo de captação, que reflete a remuneração paga aos seus associados pelos depósitos, traz uma importante ponderação sobre os objetivos e a mensuração de desempenho em cooperativas de crédito. Este trabalho assumiu um bom desempenho neste indicador como “quanto menor, melhor”, assim como em bancos comerciais. Entretanto, as cooperativas são organizações voltadas aos seus clientes, então espera-se que ofereçam taxas altas para depósitos quando comparadas aos demais bancos em sua região de atuação (FRIED; LOVELL; EECKAUT, 1993). Assim, a visão de pior desempenho torna-se ambígua: para a sobrevivência da cooperativa seria importante atuar com taxas mais modestas, mas ao seu cooperado pode não ficar satisfeito neste caso. Desta maneira, considerando a interpretação do custo de captação como “quanto maior, melhor” – devido a taxa vantajosa para os membros depositantes – as cooperativas descontinuadas estariam em sua maioria com

desempenho baixo. Este fato pode significar que os cooperados destas cooperativas optaram por descontinuar as cooperativas por se verem com a própria “saúde financeira”, individual, comprometida (COOK, 1995; COOK; BURRESS, 2009).

## 5 Conclusões

Cooperativas, teoricamente, seguem um ciclo de vida no qual, ao entrarem em uma fase onde passam a encontrar dificuldades para manter suas atividades e oferecer benefícios aos cooperados, podem ter suas atividades encerradas por opção de seus membros (COOK, 1995; COOK; BURRESS, 2009).

Este trabalho procurou identificar e explorar possíveis características das cooperativas de crédito no momento em que foram descontinuadas. Os procedimentos envolveram a identificação de indicadores de desempenho-chaves, um teste estatístico para encontrar diferenças nas médias destes indicadores entre as cooperativas continuadas e descontinuadas, e frequências de cooperativas descontinuadas operando com performance abaixo das demais.

A partir dos resultados foram identificados 25 indicadores de desempenho proeminentes. Destes 25 indicadores, 13 apresentaram diferença estatística na média entre os grupos de cooperativas continuadas e descontinuadas. Por fim, 9 destes indicadores – entre captação, produtos e solvência – se mostraram característicos das cooperativas descontinuadas, a partir da análise de frequência.

Neste sentido, os resultados desta pesquisa se relacionam com o esperado a partir dos problemas existentes dentro das fases teóricas do ciclo de vida das cooperativas, com a descontinuidade sendo influenciada por uma série de desempenhos ruins em indicadores que refletem situações específicas encontradas dentro da cooperativa.

Principalmente, problemas vinculados ao crescimento do quadro de associados, que enfraquece as relações na cooperativa, ao desincentivo à capitalização, a investimentos equivocados e a incapacidade de gerar rendas próprias foram identificados pela alta frequência de baixos desempenhos nas cooperativas que tiveram suas atividades encerradas. Estes problemas podem ser agravados em situações onde a gestão não apresenta habilidade suficiente para conduzir a cooperativa na

concorrência contra bancos comerciais em sua região e no baixo engajamento de seus cooperados quanto a capitalização em momentos de dificuldade.

Considerando o ciclo de vida das cooperativas como função da “saúde financeira” da própria cooperativa e de seus cooperados, além do baixo desempenho em relação aos concorrentes, as cooperativas descontinuadas poderiam estar enfrentando dificuldades de oferecer benefícios adequadamente aos seus membros. Este fato se torna mais visível pela frequência de cooperativas descontinuadas com desempenho baixo na participação das operações de crédito, um de seus benefícios principais, e no bom desempenho em participação dos demais serviços, que não são suficientes para manter suas atividades.

Os quatro indicadores relacionados a qualidade dos contratos de crédito indicam que a confiança nas transações pode ser reduzida pelo aumento na quantidade de cooperados, que se tornam mais distantes da cooperativa e dos demais membros e, assim, há maior propensão para inadimplência. Com maior inadimplência, a geração de rendas diminui sem que haja melhor uso de seus recursos – principalmente depósitos, que precisam ser remunerados adequadamente.

Especificamente, o papel da solvência se torna mais destacado por ser o tipo de indicador mais frequente entre aqueles em que as cooperativas descontinuadas apresentavam baixo desempenho. Então, a capacidade de a cooperativa honrar seus compromissos, assim como ter seus compromissos honrados, é relevante para sua continuidade.

Os pontos levantados durante a análise dos resultados influenciam na “saúde financeira” da cooperativa e, de forma direta ou não, na de seu cooperado. Desta forma, assume-se que o desempenho da cooperativa se torna um fator influente na tomada da decisão coletiva pela descontinuidade, indo de encontro com o papel da “saúde financeira” sobre as fases do ciclo de vida apontados por Cook (1995) e Cook e Burrell (2009).

É importante destacar que este trabalho não objetivou encontrar determinantes para a descontinuidade das cooperativas de crédito. Foram identificadas características para melhor compreensão da situação em que a cooperativa estava passando no momento o qual os cooperados decidiram encerrar suas atividades. Acrescenta-se

que as conclusões mais robustas tomam como base a cooperativa como uma empresa que precisa sobreviver para oferecer benefícios ao seu cooperado.

A ausência de quantificação para o ciclo de vida é uma limitação deste trabalho. Com a quantificação a identificação das fases e seus problemas poderia ter ocorrido com maior robustez. Outra limitação foi não indicar o tipo de saída escolhida (fusão ou liquidação). Cada tipo de saída pode ser decorrente de características próprias de desempenho.

Sendo assim, a quantificação do ciclo de vida em cada cooperativa e o tipo de saída optada são avanços possíveis sobre este trabalho. Além disto, há a possibilidade de usar outras técnicas estatísticas para fortalecer os resultados e reforçar o entendimento sobre a “saúde financeira” na cooperativa descontinuada.

## Referências

- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Atualização mensal de dados. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?qevsfn201610>>. Acesso em 22 ago. 2017.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Dados selecionados de entidades supervisionadas – IF.data. Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/informes/relatorios>>. Acesso em 22 ago. 2017.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Resolução nº 3.859, de 27 de maio de 2010. Altera e consolida as normas relativas à constituição e ao funcionamento de cooperativas de crédito. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 maio 2010. Disponível em <[http://www.bcb.gov.br/pre/normativos/res/2010/pdf/res\\_3859\\_v3\\_P.pdf](http://www.bcb.gov.br/pre/normativos/res/2010/pdf/res_3859_v3_P.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2017.
- BANERJEE, A.; BESLEY, T.; GUINNANE, T. Thy neighbor's keeper: the design of a credit cooperative with theory and a test. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 109, n. 2, p. 491-515, 1994.
- BANERJEE, A.; MOOKHERJEE, D.; MUNSHI, K.; RAY, D. Inequality, control rights, and rent

- seeking: sugar cooperatives in Maharashtra. **Journal of Political Economy**, v. 109, n. 1, p. 138-190, 2001.
- BARROSO, M. F. G.; BIALOSKORSKI NETO, S. Surplus distribution in San Paulo rural credit cooperatives. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 12, n. 2, p. 290-307, 2010.
- BAUER, K. J.; MILES, L. L.; NISHIKAWA, T. The effect of mergers on credit union performance. **Journal of Banking & Finance**, v. 33, n. 12, p. 2267-2274, 2009.
- BEATTY, A.; LIAO, S. Financial accounting in the banking industry: a review of the empirical literature. **Journal of Accounting and Economics**, v. 58, n. 2, p. 339-383, 2014.
- BOONE, C.; ÖZCAN, S. Strategic choices at entry and relative survival advantage of cooperatives versus corporations in the US bio-ethanol industry, 1978-2015. **Journal of Management Studies**, v. 53, n. 7, p. 1113-1140, 2016.
- BRASIL, Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 dez. 1971. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L5764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5764.htm)>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- CARVALHO, F. L.; DIAZ, M. D. M.; BIALOSKORSKI NETO, S.; KALATZIS, A. E. G. Exit and failure of credit unions in Brazil: a risk analysis. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 67, p. 70-84, 2015.
- COOK, M. L. The future of U.S. agricultural cooperatives: a neo-institutional approach. **American Journal of Agricultural Economics**, vol. 77, n. 5, p. 1153-1159, 1995.
- COOK, M. L.; BURRESS, M. J. **A cooperative life cycle framework**. Working paper, University of Missouri Department of Agricultural Economics, 2009.
- DAOUIA, A.; SIMAR, L.; WILSON, P. W. Measuring firm performance using nonparametric quantile-type distances. **Econometric Reviews**, v. 36, n. 1-3, p. 156-181, 2017.
- FRIED, H. O.; LOVELL, C. A. K.; EECKAUT, P. V. Evaluating the performance of US credit unions. **Journal of Banking & Finance**, v. 17, n. 2, p. 251-265, 1993.
- GODDARD, J.; MCKILLOP, D.; WILSON, J. O. S. U.S. credit unions: survival, consolidation, and growth. **Economic Inquiry**, v. 52, n. 1, p. 304-319, 2014.
- GORTON, G.; SCHMID, F. Corporate governance, ownership dispersion and efficiency: empirical evidence from Austrian cooperative banking. **The Journal of Corporate Finance**, v. 5, n. 2, p. 119-140, 1999.
- HANSMANN, H. **The Ownership of Enterprise**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1996. 372 p.
- HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Multivariate Data Analysis**. 7ª ed. New Jersey: Pearson, 2009. 816 p.
- KALOGERAS, N.; PENNING, J. M. E.; BENOS, T.; DOUMPOS, M. Which cooperative ownership model performs better? A financial-decision aid approach. **Agribusiness**, v. 29, n. 1, p. 80-95, 2013.
- MATIAS, A. B. **Análise Financeira Fundamentalista de Empresas**. São Paulo: Atlas, 2009. 392 p.
- MURRAY, J. D.; WHITE, R. W. Economies of scale and economies of scope in multiproduct financial institutions: a study of British Columbia credit unions. **The Journal of Finance**, v. 38, n. 3, p. 887-902, 1983.



PORTER, P. K.; SCULLY, G. W. Economic efficiency in cooperatives. **The Journal of Law & Economics**, v. 30, n. 2, p. 489-512, 1987.

SHAFFER, J. D. Thinking about farmers' cooperatives, contracts, and economic coordination. In: ROYER, J. S. (ed.). Cooperative Theory: new approaches. **ACS Research Report n. 18**. Washington, D.C.: USDA, 1987. p. 61-86.

STAATZ, J. M. The structural characteristics of farmers' cooperatives and their behavioral consequences. In: ROYER, J. S. (ed.). Cooperative theory: new approaches. **ACS Research Report n. 18**. Washington, D.C.: USDA, 1987. p. 33-60.

WHEELOCK, D. C.; WILSON, P. W. The evolution of cost-productivity and efficiency among US credit unions. **Journal of Banking & Finance**, v. 37, n. 1, p. 75-88, 2013.

